

PAVIMENTANDO A MEMÓRIA DE UMA RUA: 200 ANOS DE ESQUECIMENTO E PERTENÇA¹

*PAVING THE MEMORY OF A STREET: 200 years
of forgetting and belonging.*

Suzana Vielitz de Oliveira^{*1}

Palavras-chave:
Revisão Sistemática;
Metanálise;
Divórcio;
Relações Familiares;
Resolução de Conflitos.

Resumo: O estudo visa compreender, por meio da revisão sistemática e metanálise, como estão sendo configuradas as pesquisas sobre divórcio, conjugalidade e parentalidade, com foco nos instrumentos de apoio à resolução dos conflitos familiares. Para tanto, foram selecionados 12 artigos publicados entre 2000 e 2022, nas bases de dados Web of Science, Scielo e Scopus, em inglês, português e espanhol, considerando os descritores Divorce; Conjugality; Family Resolution e Parenting Workshop. A pesquisa seguiu o protocolo Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA), utilizando o software State of the Art through Systematic Review – StArt, como ferramenta analítica. Para a realização da metanálise, a presente pesquisa fez uso do software de análise textual Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires – IRaMuTeQ e do software Excel. Resultados indicam que o sistema familiar se inter-relaciona entre si e com os demais sistemas, formando uma unidade social complexa, que exerce constante influência no comportamento e desenvolvimento de seus membros. Assim, pode-se concluir que o uso de estratégias adequadas à

¹ Recebido em 21 de abril de 2024; aceito para publicação em 06 de junho de 2024.

^{*1} Arquiteta e Urbanista, Mestre em Planejamento Urbano e Regional/UFRGS, doutora em Processos e Manifestações Culturais/ Feevale e professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS. Tem mais de 40 anos de experiência profissional sendo mais de 30 anos de dedicados ao ensino e pesquisa. Tem trabalhos relevantes na área da Arquitetura de Interiores, Patrimônio Cultural, Restauração e Conservação de edificações. Recebeu o prêmio arquiteta do ano em 2019/SAERGS pelo trabalho na área da preservação de patrimônio edificado - setor privado. suzi.vielitz@gmail.com

resolução dos conflitos familiares representa um fator relevante para a organização familiar pós-divórcio, tendo em vista que os subsistemas conjugal e parental encontram-se intimamente articulados, em um constante elo de interdependência.

Keywords:
Systematic Review;
Meta-analysis;
Divorce;
Family relationships;
Conflict resolution.

Abstract: *The study aims to understand, through systematic review and meta-analysis, how research on divorce, conjugality and parenting is being configured, focusing on instruments to support the resolution of family conflicts. For that, 12 articles published between 2000 and 2022, in the Web of Science, Scielo and Scopus databases, in English, Portuguese and Spanish, with the descriptors Divorce; Conjugality; Family Resolution and Parenting Workshop. The research followed the Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA) protocol and used the State of the Art through Systematic Review (StArt) software, as an analytical tool. To carry out the meta-analysis, this research used the textual analysis software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IraMuTeQ) and Excel software. Results indicate that the family system interrelates with each other and with other systems, forming a complex social unit, which exerts constant influence on the behavior and development of its members. Thus, it can be concluded that the use of appropriate strategies for resolving family conflicts represents a relevant factor for post-divorce family organization, considering that the marital and parental subsystems are closely articulated, in a constant link of interdependence.*

Introdução

O estudo etnográfico e a autoetnografia, de uma rua, é assunto de minha tese de doutorado em processos e manifestações culturais. Ao buscar um lugar significativo e com valores a serem comprovados, retorno para minha primeira casa, minha rua, a rua de meus antepassados! Uma rua que hoje é considerada Corredor Cultural e que foi o lugar de assentamento dos primeiros imigrantes ditos alemães, que chegaram em *Hamburgerbeg*² no ano de 1824 o qual corresponde ao bairro antigo ou centro histórico e corresponde ao núcleo formador da cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, Brasil.

O método etnográfico permitiu chegar ao entendimento da dinâmica desse lugar, e em particular de uma rua que foi muito importante para a formação de uma sociedade,

² *Hamburgerberg* em livre tradução significa Morro do Hamburguês - os embarques no tempo da imigração, se faziam no porto de Hamburgo, Alemanha, e lá também havia um lugar chamado de Hamburger Berg, muito próximo do porto. Por analogia, o local desse sítio do estudo, se constitui de um morro e os primeiros moradores vieram do Porto de Hamburgo, ou seja, vieram de Hamburgo e se assentaram no Morro dos hamburgueses (nota da autora)

no sentido cultural e desenvolvimento econômico voltado para o setor coureiro calçadista. Esse mesmo lugar³, após algumas décadas perdeu o protagonismo, os últimos moradores⁴ estão chegando aos seus 60, 70, 80 e 90 anos de idade, e os novos habitantes não possuem vínculos de memória nem de pertencimento. O lugar objeto desse estudo só guarda a relação com o passado, através das edificações e a peculiaridade da paisagem, permeada de jardins, ladeiras galgando os morros, declives que levam aos pequenos arroios, os usos residenciais mesclados pelas imponentes indústrias, os pátios, jardins, relações sociais, dinâmicas familiares, laços de trabalho, se encontra no esquecimento ou na memória de alguns ex-moradores.

Dessa forma, o artigo apresenta um recorte desse estudo, num momento em que se exalta os 200 anos da imigração alemã no sul do Brasil, e se propõe evidenciar alguns aspectos atuais para quem sabe estimular a memória buscar nos esquecimentos e reforçar o sentido de pertencimento que ali houvera.

Pavimentando o sentido de pertencer

A subjetividade está arraigada ao conceito material de posse e de poder. De acordo com Gonçalves (2012), não há subjetividade sem alguma forma de patrimônio e “a cultura é pensada como processo de autoaperfeiçoamento humano”; assim, os patrimônios que as políticas públicas buscam reconhecer podem “ser herdados da coletividade humana ou adquiridos [...] e de alguma forma assim reconstruídos” (GONÇALVES, 2012, p. 27).

A Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, realizada em Paris em 1972, considera como Patrimônio Cultural as obras arquitetônicas, os conjuntos ou grupos de construções (isoladas ou reunidas) que, “em virtude de sua unidade, arquitetura e integração na paisagem têm valor excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, além de os locais de interesse ou obras do homem” (CONVENÇÃO, 1972, grifo meu). Ao incluir os locais onde se realizam essas obras, se reconhece também, como um valor universal de um lugar, os aspectos históricos, estéticos, etnológicos ou antropológicos. Portanto, o reconhecimento na instância nacional ou estadual, para um conjunto de bens, ou conjunto urbano edificado, legado de uma determinada sociedade, contempla e valoriza o patrimônio material e imaterial, ou seja, considera o conceito abrangente proposto a partir da mencionada Convenção para Patrimônio Cultural (CONVENÇÃO, 1972).

O tombamento emergencial nacional do Centro Histórico de Hamburgo Velho (Processo n.º 1.582-T-09) e o tombamento provisório pelo IPHAE-RS, o qual se encontra em questionamento judicial, abrange parte de Hamburgo Velho e Corredor Cultural de

³ Rua General Osório, bairro Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

⁴ Para esse estudo foram entrevistados 18 ex-moradores, todos com idade acima de 60 anos, ou seja, com memórias largas e importantes vivências do lugar, além de outras mais de 20 pessoas que colaboraram ao responder um questionário e produziram mapas mentais.

Hamburgo Velho (MATTANA, 2019). Este é um assunto que tangencia a pesquisa, porém não foi aprofundado, em razão de que as memórias aqui evocadas são de tempos mais remotos. Mas, “pavimentando com memórias”, também implica acessar esse assunto, uma vez que o espaço dos lotes sem edificação e a existência de muros foi muito observado, por sua “eloquência do vazio”, e sempre remetido para “o que não mais lá está”.

Ao estudar uma rua, com o status de corredor cultural da cidade de Novo Hamburgo, penso nas pessoas, mas também tenho em mente o trânsito, as alterações da paisagem, aspectos que nesse lugar especial fazem o maior sentido. Afinal, esse Corredor Cultural se constitui de uma passagem peculiar e, neste caso, agregado ao desenvolvimento da serra gaúcha. Passa por ali, a Estrada Geral, que ligava a capital da província, ou seja, Porto Alegre às colônias! Essa estrada organizou a vida urbana incipiente de *Hamburgerberg*, onde os primeiros comerciantes se estabelecem e em que, mais adiante, num movimento no sentido da estação de trem, vão investindo e ampliando suas propriedades. Essas propriedades, muitas vezes bem imponentes, necessitam de movimento de pessoas e de trânsito, de acesso aos produtos, acesso às indústrias, acesso às casas, à escola, à igreja, tudo ficava ali, no morro de Hamburgo Velho ou próximo à estação de trem, localizada em Novo Hamburgo.

De acordo com Fonseca (2000), o significado de processo cultural é “a maneira como determinados sujeitos ocupam esse solo, utilizam e valorizam os recursos existentes, como constroem sua história, como produzem edificações e objetos, conhecimentos, usos e costumes” (FONSECA, 2000, p. 89). Também é importante saber o quanto os moradores se identificam com o lugar, o quanto o modificam para o seu interesse, de forma a entender a questão ecológica ali estabelecida. O ser humano sempre vai interferir no seu ambiente, colocando ali a sua marca, transformando e adaptando este para suas necessidades e conforto. Historicamente, é possível constatar o quanto os povos antigos destruíram ou se apropriaram de referências de outros grupos evidenciando e demonstrando a força e o poder. Considerar a atividade de identificar referências e proteger bens culturais, portanto, não se constitui apenas um saber, também é um poder e, certamente, aí se estabelece o conflito.

Por conseguinte, a renovação do tecido urbano é necessária e acontece. Mas, ao tratar-se de patrimônio cultural, ou seja, do patrimônio de interesse em preservar para a coletividade, faz-se necessário algum critério de valor para que as renovações sejam pontuais e não descaracterizem o espaço que se quer manter preservado. O senso de pertencimento deve estar aguçado, de forma que prevaleçam as questões coletivas em detrimento das questões individuais. E essa valoração passa pela ação humana, pois é ela que determina o valor das coisas, de acordo com Santos (2000). Segundo o mesmo autor, “O mundo é dado em cada momento histórico por um conjunto de possibilidades [...] Se o mundo já feito é dado por essas realidades existentes em cada momento histórico, ele é constituído, sobretudo pelas possibilidades inerentes a cada época” (SANTOS, 2000, p. 54). Portanto, a história continua sendo feita, porque existem muitas possibilidades a serem realizadas, e a história só pode ser renovada pela ação humana

no tempo e no espaço.

Tedesco (2009, p. 273) afirma que “há necessidade de demonstração pública e doméstica do pertencimento”, pois ele ritualiza uma comunidade que se constrói pela identificação. Milton Santos (2001) lembra o sentido de território e consequente pertencimento, quando afirma: “o território revela também ações passadas e presentes, as passadas congeladas nos objetos e as presentes constituídas em ações” (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 147). Ele reforça que “as ações presentes e as ações passadas combinadas trazem vida e conferem sentido ao que lá pré-existe” (IDEM, 2001, p. 148, grifo meu). Portanto, o reconhecimento do Corredor Cultural e as ações que estão em curso, auxiliam a construção desse sentido e reforçam as possibilidades de continuidade e pertencimento, lembrando e esquecendo.

Contudo, não será possível dissociar o presente do ponto de partida, ou seja, do elo formador desse núcleo urbano: as primeiras levadas de imigrantes alemães. Estes, de acordo com Woortmann (2000), não cuidaram da memória de seus antepassados germânicos para que esta fosse perpetuada, já que, ao chegarem às terras brasileiras, iniciaram um processo de esquecimento, como se o tempo anterior não existisse.

[...] se a comunidade de memória é constituída pelo compartilhamento do que foi vivido, ela é também formada pelo compartilhamento do que foi esquecido, pois dar presença a certos acontecimentos do passado [...] pode até mesmo, em casos extremos conduzir a destruição da comunidade (WOORTMANN, 2000, p. 214).

Dessa forma, para o Corredor Cultural de Hamburgo Velho e, mais especificamente, na porção estudada correspondente à Rua General Osório, pode haver o distanciamento desses acontecimentos do passado que não foram compartilhados, uma vez que as relações de parentesco entre moradores, fábricas e fabricantes, morando lado a lado, foram recorrências que se sucederam em um espaço-tempo bastante restrito, ou melhor, no território delimitado como o Corredor Cultural. Também foram esquecidos os impactos e consequências futuras desse desenvolvimento industrial, que sem nenhuma reflexão, utiliza de fontes de água que brotava dos morros e que era consideradas curativas e ditas “milagrosas” pelas Irmãs de Congregação de Santa Catarina⁵, para lavagem de peles de couro dos 5 curtumes que ali estavam estabelecidos. Tais recorrências não são mais perceptíveis, pois as indústrias fecharam; os antigos moradores, trabalhadores, operários e construtores do local se mudaram, ou morreram; seus descendentes também já são idosos; os córregos estão canalizados, o traçado do trem não significa mais nada, pois foi substituído por uma avenida. Além da paisagem urbana legada estão os antigos “donos” dessa rua, cujos feitos foram esquecidos e, com eles, também são esquecidos os marcos, os pontos de encontro, e as referências.

⁵ A Congregação de Santa Catarina ocupa desde 1910 o equivalente a mais de um quarteirão dessa rua, com terras na encosta do morro, e é a mantenedora do primeiro e mais importante hospital da cidade (Hospital Regina) e da Escola Santa Catarina, importante na formação católica de meninas e jovens e hoje ainda com atividades desde o ensino infantil até o técnico, passando pela formação de professoras e técnicos em enfermagem.

Pavimentando a memória ambiental de uma sociedade coureiro-calçadista⁶⁷

A sensação de além é a qualidade, de certo modo lírica, de algo que está ao mesmo tempo presente e sempre fora do nosso alcance: está além (CULLEN, 1971 ed. 2020, p. 36).

A Rua General Osório já foi a rua dos cantores do Frohsinn⁸, dos trabalhadores e dos donos dos curtumes e das fábricas de calçados e, também, em tempos remotos, foi a rua dos Carlos e dos Frederico (dos Karl e dos Fritz) e, foi também a rua onde muitas mulheres cuidavam com esmero de suas casas e dos seus filhos e outras tantas se preparavam para também ter uma profissão e quebrar os padrões estabelecidos de que mulher daquela sociedade deveria “aprender a tocar piano, bordar e costurar para ser uma boa dona de casa” (DS, 2 set.. 2021).

De acordo com Trajano Filho, “Nos últimos 25 anos construiu-se no Ocidente um consenso relativo, mas generalizado, de que o mundo passou por uma série de profundas transformações de várias ordens: política, tecnológica, econômica e cultural” (TRAJANO FILHO, 2009, p. 12). O termo globalização foi proposto para nomear esse novo período da história. Trajano Filho (2009) afirma que este mundo encolhido faz com que a vida social contemporânea seja caracterizada “pela experiência de uma perda nostálgica dos laços primordiais que ligam as pessoas ao território em que vivem - um sentimento que confere autenticidade às culturas locais” (TRAJANO FILHO, 2009, p. 12). Jô Gondar (2016, p. 19) afirma que “a memória concebida enquanto produção do poder, destinada à manutenção dos valores de um grupo, não é equivalente à memória pensada enquanto componente ativo dos processos de transformação social e de produção de um futuro”.

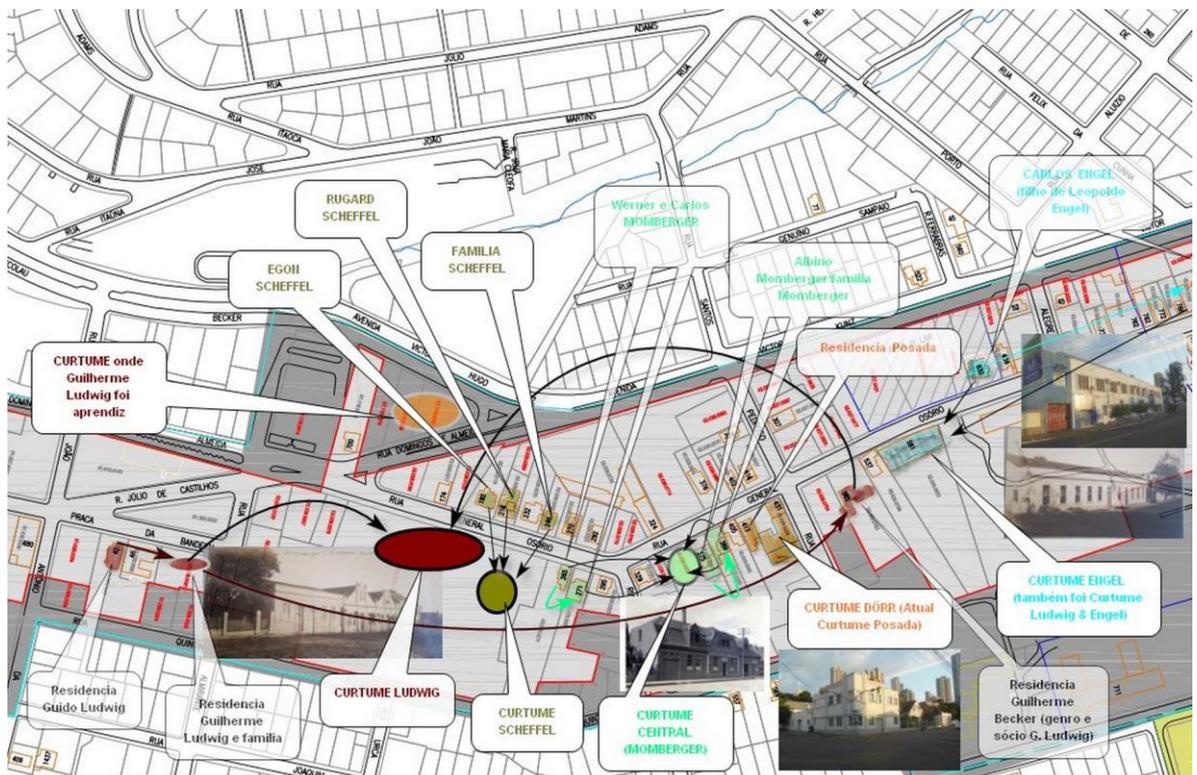
A rua General Osório do meu estudo finaliza, ao longo de pouco mais de 900 metros de extensão e de acordo com os registros desta pesquisa, apresenta usos recorrentes de cinco curtumes, todos localizados na encosta do morro. Os curtumes que podem ser constatados pelo mapa de rede da figura 1, ali instalados, eram: Därr, Momberger, Scheffel, Ludwig e Engel (destaco os sobrenomes alemães que denominavam o empreendimento familiar).

6

⁷ Por Memória social aceito o conceito de memória dinâmica proposta por (GONDAR ; DODEBEI, 2005) em O que é memória social? E, também revisitada pela publicação da Revista Morpheus (GONDAR, DODEBEI & FARIAS - org, 2016, vol.9 n.º 15) em edição especial sob o título, Estudos Interdisciplinares em Memória Social.

⁸ O Frohsinn foi antiga sociedade de canto, fundada em 1888 cujo edifício está tombado pelo município de Novo Hamburgo e se localizada na rua objeto dessa pesquisa.

Figura 1- Os Curtumes e as famílias



Fonte: autora, 2022.

Além desses, houve recorrentes plantas de indústrias sobretudo calçadistas, ali instaladas, com importância na América do Sul, por exemplo, a maior fábrica de chinelos (de acordo com Richter, 2022) a Mentz Röeben & Koch, bem como a fábrica de Cerâmica Rio-Grandense S/A. Estas, junto aos primeiros curtumes da cidade, conviviam com as residências das famílias que ali empreenderam, todas com laços de parentesco, laços fortes de amizade e de trabalho, entrelaçadas que estavam entre suas heranças familiares e seu progresso enquanto grupo.

Park (1967, p. 25) apresenta uma discussão sobre os caminhos a seguir na leitura das cidades, entendendo essa leitura não somente como morfologia, mas como uma perspectiva de ordem moral. A cidade não é um organismo físico ou uma construção: ela envolve outros processos e, como tal, é um produto da natureza humana. Eckert e Rocha (2003, p. 52) entendem, ainda, que, ao analisar as cidades, dever-se-ia “afastar desses princípios dogmáticos de ordem e se aproximar de uma abordagem das formas de vida social nas modernas sociedades urbano-industriais sob a ótica das formas sensíveis do vivido humano.” As autoras referem-se a “províncias de significados” onde “os indivíduos se identificam com um tempo vivido” ao se referirem a um espaço em constante mutação. É nesse aspecto que corrobora Park (1967, p. 27), quando afirma que a cidade

está enraizada nos “hábitos e costumes das pessoas que a habitam”, e reforça que a organização moral e a organização física moldam uma à outra. E segue: “É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão” (PARK, 1967, p. 27-28).

Uma entrevistada com mais de 90 anos lembra a loja de seu pai com detalhes, loja que também foi lembrada por outros entrevistados, como o atual curador da Fundação Scheffel⁹ e estudioso da história local. Este lembra a diversidade comercial do lugar e das duas lojas importantes da Rua General Osório:

[...] a Rua Industrial da cidade é onde a indústria se desenvolve e uma indústria muito diversificada. Tu tens ali fábrica de calçados, tem Curtume, a própria estação, a distribuidora de energia elétrica depois trazida pelo Adams, antes da emancipação até, pra que a cidade suportasse o crescimento dela, né, Industrial. Então tu vê: a cidade ela desenvolve em direção ao centro pela General Osório e é uma indústria era super diversificada! [...] (AR, set. 2021).

Muitos relatos registrados na pesquisa demonstram também esses laços entre pessoas e lugares. Por exemplo, a fábrica de Calçados Haas tinha conexão direta com a via-férrea, assim como outras localizadas no mesmo lado. Uma das minhas memórias mais fortes quando volto para infância, nesse lugar, está no pátio ou quintal onde eu brincava de subir nas árvores e via o trem passar:

Outra parceira desta pesquisa, cuja casa também fazia divisa com o leito da viação férrea, lembra o trem com muita intensidade: "Ah! Do trem... também tem uma história assim eu quando eu era pequena a partir dos três anos, eu pegava meu banquinho e ia lá pra baixo esperar o trem passar que era as três horas, né!" (IA, out. 2021) E ela segue, revendo a cena: "é ... daí o pessoal abanava, daí eu vinha e tomava café porque daí era hora do café!" (IA, out. 2021). Do antigo leito da viação férrea nada mais existe: as frações dos antigos lotes da General Osório, todos localizados à Leste, faziam fundos com o leito da via-férrea e foram desmembradas. Não mais é possível imaginar que ali se ouvia diuturnamente o apito do trem, o qual trazia também fumaça, para dentro de nossas casas, assim como o cheiro de couro das fábricas.

As mudanças, portanto, respondem a esses processos decorrentes dos fluxos migratórios; as sociedades não são estáticas, e os antigos moradores de um lugar, com o tempo, são substituídos. Nessas mudanças, muitas vezes se desintegram redes sociais, sentimentos de pertencimento e laços de vizinhança e novos valores são estabelecidos.

⁹ Fundação Ernesto Frederico Scheffel, localizada em um antigo casarão neoclássico, no centro histórico de Hamburgo Velho, que foi restaurado para abrigar a obra do artista local e grande incentivador das artes e da preservação da história Ernesto Frederico Scheffel.

Meira (2004, p. 14) afirma que: apesar de todo ambiente construído na cidade constituir um tipo de patrimônio - no sentido da acumulação de investimentos sob forma de trabalho e de capital financeiro, nem todas as construções desses ambientes são investidas de significado pela sociedade, ou seja, nem todas passam a ser reconhecidas como patrimônio cultural. Igualmente, reforça as questões atinentes às mudanças, quando afirma que a sociedade muda e “mudam os seus valores, o que é considerado patrimônio cultural se modifica - é construído e reconstruído permanentemente” [...]. Meira (2004, p. 15) reforça: “Também a sociedade não é homogênea, e o que é valorizado por alguns segmentos pode não ser por outros”.

Assim, a crise na cultura e na sociedade sobre a qual nos fala Trajano (2009, p. 13) "pode ser entendida também como um sistema de significados, em conexão permanente com outros sistemas. O sistema de relações sociais em função da instabilidade do mundo globalizado, permite que "os indivíduos mudem facilmente seus laços de pertencimento, solidariedade e reciprocidade". Portanto, para que o Corredor Cultural se legitime, buscando de volta o sentimento de apropriação e pertencimento, faz-se necessário olhar para o que se quer revelar e o que faz parte do esquecido

A memória dos proprietários, dos usuários do local, dos investidores, dos que ali trabalharam ou trabalham ainda, enfim, a memória dos diferentes atores pode auxiliar no desenrolar das respostas a questões sobre as quais ainda pouco se refletiu, como o sentido de pertencer ou possuir um bem nesse conjunto urbano edificado e reconhecido como Corredor Cultural de Hamburgo Velho.

Dessa forma, a rua General Osório vai se consolidando também como corredor de passagem, ao longo do qual se discute o excesso, não somente do próprio trânsito de veículos, que inicialmente era constituído de carroças, alguns automóveis, ônibus, bicicletas. Ao mesmo tempo em que foi sendo necessário o incremento ao melhor tráfego, a via foi rebaixada, mais adiante, pavimentada, também recebeu trilhos para transporte coletivo (bonde). Mas, em detrimento de encontros sociais, o excesso, na busca de resolver as consequências do crescimento urbano, facilitando o trânsito de veículos, fez esquecer as relações estabelecidas do muro para fora. “Um aspecto que a maioria dos urbanistas descuroou, na sua precipitação de eliminar todos os obstáculos ao trânsito, foi que a própria comunidade está a ser eliminada” (PAPANÉK, 2007, p. 120). **Ao me reportar aos obstáculos ou à falta de atenção ao mobiliário urbano, estou a reforçar a estética local à qual se refere Victor Papanek¹⁰ (2007), pois que, com planejamento urbano esses aspectos devem ser bem-acabados, proporcionais, adequados e, ao mesmo tempo, duráveis e belos. Haverá novamente uma vida boa, com aprazíveis lugares para pessoas, permitindo que estas não apenas percorram as ruas dentro de seus carros rápidos? Desde que o automóvel foi priorizado, vias cuja pavimentação era de saibro ou chão batido receberam calçamento; mais adiante, foram**

¹⁰ Victor Papanek, pedagogo e designer dinamarquês, já perto do final de sua vida, em 1995, publica sob o título *The Green Imperative - Ecology and Ethics in Design and Architecture*, em edição portuguesa sob o título: *Arquitetura e Design. Ecologia e Ética*.

alargadas, receberam asfalto. Vias pavimentadas com paralelepípedo de pedras e córregos que foram ou nascentes de águas benéficas, antes acrescentavam no sentido ambiental, são ignoradas em favor do desenvolvimento.

Para confirmar isso, AR relembra que, desde o início do século XX, já houve ações que vão, devagar, modificando a rua General Osório e priorizando o trânsito, o que seria desejável, de acordo com o entrevistado, “até porque era difícil transitar por ali!” (AR, set. 2021). A topografia do lugar foi modificada: em 1922, a rua General Daltro Filho, parte do Caminho das Tropas, no trecho onde se encontrava com a Estrada Geral, foi rebaixada; em consequência disso, algumas casas até receberam porão e escada:

[...] é interessante, no ano que vem até... o rebaixamento da rua aqui faz 100 anos, né! Ele começa em 1922, né! E é interessante que o aterro, ele é levado lá pra baixo, né! Eles vão espalhando assim, pois sempre era a questão: para onde foi levado o aterro?...Então, parte do aterro é onde tem aqui aquele muro romano, né? Foi construído! (AR, set.2021)

O mesmo entrevistado, segue lembrando que a Rua General Osório, recebe esse aterro que aumenta sua altura em relação aos lotes, em especial logo no primeiro trecho estabelecido para este estudo, entre as ruas Daltro Filho e João Caetano:

Sim, porque ali era...tudo assim e esse aterro ele é levado a gente identifica o Aterro até a Padaria Modelo até a própria casa ali dos Engel, porque nós temos uma foto daquela casa que tá, que está na ficha da casa, na frente era um pouco mais alto e do outro lado na casa dos Pechmann, também a casa não era rente...a casa era nessa época, era rente ao chão e a rua foi subida ali porque depois a casa ficou abaixo do nível. Então, ali, essa obra que foi feita aqui, ela teve impacto até lá embaixo e a própria casa da Elizabeth Berner Sperb que é na esquina (da rua Demétrio Ribeiro) em frente ao Berner, né? Também, se tu for ao lado, o terreno é lá embaixo e a rua lá em cima! Exatamente! E na casa do Daudt a gente viu uma coisa muito interessante, porque ali tiraram aterro ... casa ali foi ali na frente foi baixado e tal e foi nivelado...porque ali deveria ter "um cucuruto" né? E antes da Restauração a gente percebia, nas portas da frente, que as portas tinham uma emenda embaixo, as duas portas, elas foram reformadas, elas foram emendadas um pedaço, mais ou menos um meio metro, mais ou menos (AR, set. 2021).

Wirth (1967) afirma que as funções que as cidades assumem variam muito, pois uma cidade industrial difere “significativamente, em seus aspectos sociais, de uma cidade comercial, de mineração, pesqueira, de estação de águas, universitária ou de uma capital” (WIRTH, 1967, p. 94). Os moradores entrevistados, relacionados a esse trecho em particular, chamam atenção para o movimento e trânsito dessa rua, que fazia a ligação com Taquara, passando por Campo Bom e Sapiranga! Todos, mesmo de diferentes gerações, têm lembranças das corridas de carro sediadas ali. Em geral, os entrevistados de gênero masculino falam com entusiasmo desses eventos, citam detalhes, têm clareza dos nomes dos pilotos dos automóveis, quem venceu determinada

corrida, qual era o circuito percorrido etc. Um deles, ligado ao setor esportivo, conta detalhes entusiasmadamente, ao lembrar as corridas de rua:

A vida de aldeia de acordo com Papanek (2007) possui dimensão ideal, cujo controle a natureza do ser humano alcança. Já a urbanidade, de acordo com Wirth (1967, p. 101-102) requer a densidade que, por sua vez, afasta os contatos sociais estreitos, apesar de proporcionar contatos físicos intensos. “O mundo urbano tem em alta conta o reconhecimento visual”, afirma Wirth (1967, p.102) e segue acrescentando que “[...] temos a tendência de adquirir e desenvolver uma sensibilidade a um mundo de artefatos e somos progressivamente distanciados, cada vez mais do mundo da natureza.”

A falta de cuidado com a natureza, em especial com os nossos mananciais hídricos, foi especialmente negligenciada nas implantações dos curtumes em encostas dos morros de Hamburgo Velho, todos com frente para a Rua General Osório, mas, curiosamente, sempre do lado da encosta e não da planície, ou seja, se beneficiando da topografia e do manancial hídrico que ali havia.

Toda aquela área ali como era encosta de morro com muita vertente, muita água...limpa foi usada já desde início pelos Curtumes, né! ... que pegavam água...Então ali, todos os curtumes da General Osório sentido bairro-centro eram do lado esquerdo, onde estavam as fontes de água limpa, e que eram despejadas do lado direito onde tinha o arroio, onde ainda hoje ali é o início do Arroio Luiz Rau, aquela coisa toda! (AR, set. 2021)

O empresário do ramo calçadista EAH, também se refere às vertentes, lembrando praticamente o mesmo lugar:

[...] uma coisa interessante também com relação aos três pavilhões velhos, a gente até teve bastante dificuldade... tem ali uma...tipo um terreno que era de um dos vizinhos, eu não me recordo bem, mas nós acabamos até comprando pela fábrica, ãhãh tinha, ali tem um arroio! (pausa) que vem desde o Hospital Regina! ...é muito interessante isso!. Isso se deve ter ...isso deve ser anos 85 ou 87, houve uma tempestade muito forte aqui na cidade e, e, e, e... acabou rompendo os canos, que estavam encanados, neste, mas tinha um lugar, se não me engano passava por baixo da casa do Seu Ludwig! E... daí tiveram que abrir, veio a Retro. (retroescavadeira) veio pessoal da prefeitura. Eu nunca entendi como um arroio ou tem uma nascente ali para cima ali no morro provavelmente, né e aí canalizava ali por baixo! [...] desaguava na Victor Hugo! Na Victor Hugo ali em algum lugar e pega o duto vai embora! Até quando a, quando houve agora a Hlar efetuou a compra do imóvel lá, eles falaram ali naquela região nós vamos ter que fazer alguma coisa, o terreno era bem podre assim, bem, bem, com pouca resistência! (EAH, ago. 2021)

As lembranças de EAH em relação às nascentes que passam pelo terreno do Colégio Santa Catarina auxiliam e reforçam os aspectos apontados de forma bastante peculiar na dissertação de mestrado de Anna Maria Ruschel, (RUSCHEL, 1998, p. 98-108)

que apresenta a importância do Hospital Regina como um lugar de saúde, mais até do que lugar da doença. Ali, em plena epidemia de tifo, as irmãs da congregação de Santa Catarina recebiam hóspedes, na sua maioria de Porto Alegre, que vinham se beneficiar das águas sulfurosas e minerais, e até milagrosas, conforme fica relatado pelas próprias irmãs em seus registros chamados de Crônicas, cujos apontamentos foram transcritos parcialmente pela referida pesquisadora:

A qualidade da água no hospital, como na escola [...] era importante, pois tanto podia curar pelas suas propriedades de pureza, como podia transmitir doenças contagiosas. A autora (não identificada) do texto das Crônicas (p. 3) *em tempos passados, aplicou essa água sobre feridas (podres) que um doente tinha em ambas as pernas*. Esclarece ela que esse doente já havia percorrido vários médicos, sem nenhum resultado positivo, e que com o tratamento das águas do poço do sanatório as feridas *fecharam completamente*. Continua o texto, dizendo que isso ocorreu porque a água tinha *componentes preciosos*, trazendo a seguir a análise química desta água, através de uma carta *que um senhor enviou a um amigo*. (RUSCHEL, 1998, p.99-100).

Ruschel (1998) reforça, no seu estudo, vários aspectos relacionados à topografia do lugar bem como o conceito de corpo-cidade¹¹. Possível é afirmar, então, que a topografia privilegiada e o lugar Hamburgo Velho e, por consequência, seus logradouros, era bom para viver e trabalhar. Os achados de Ruschel (1998) entram em diálogo com uma de minhas principais parceiras de pesquisa, (CM, 2021) desde 1949 até final dos anos 1960, a qual lembra o porquê vieram morar nesta rua. Seu pai era natural de São Lourenço do Sul, cidade também de tradições ligadas ao setor do couro e do charque, por isso sua família também possuía nesta cidade um curtume. Os conhecimentos dele nesse setor levaram-no à sociedade com seu sogro, em Novo Hamburgo que, na época separava-se de uma sociedade no Curtume Ludwig-Engel para iniciar o seu próprio curtume, o Curtume Engel. Esses curtumes eram empresas familiares que estavam estabelecidos na Rua General Osório na qual as famílias também moravam, muito próximo de suas respectivas empresas. O casal de entrevistados (AWS, 2021) e sua esposa (JACS, 2021) conta por que o pai (sogro), que era natural de Alegrete veio parar em Novo Hamburgo, obtendo logo muitos clientes como vendedor de couro salgado:

JACS: é, ele era de Alegrete! e ele era fazendeiro lá, mas resolveu...

AWS: é isso era Termignoni o nome da empresa de Pelotas para qual vendia couro cru; como ele era filho de fazendeiro, tinha essa facilidade pra fazer isso! E daí ele ficou por aqui, e daí meu vô conseguiu uma representação pra ele no Guilherme Ludwig e depois ele conseguiu uma representação no Curtume Cascalho, do Rincão do Cascalho, [...] Aí depois ele deixou o Guilherme Ludwig porque terminou a representada dele só com o ali o Rincão do Cascalho. (JACS e AWS, set. 2021).

As mudanças, portanto, respondem a esses processos que decorrem do fluxo migratório; as sociedades não são estáticas e os antigos moradores de um lugar, com o

¹¹ Corpo cidade é o conceito teórico que trabalha a dissertação de mestrado da autora Ana Ruschel (1998) mesclando conhecimentos da Psicologia e da História.

tempo, são substituídos. Nessas mudanças, muitas vezes se desintegram redes sociais, sentimentos de pertencimento e laços de vizinhança. A cidade moderna é resultado da transitoriedade e efemeridade das formas de vida social (SIMMEL, 1967). A forma de viver na cidade é difícil de descrever e analisar; as atividades desenvolvidas nos espaços urbanos das sociedades complexas mudam com o tempo, por isso pensar sobre uma rua, um lugar específico, pode ser uma forma de refletir sobre as memórias e os esquecimentos de uma comunidade.

Victor Papanek¹ (2007) ao abordar a questão urbana sob o olhar atento do designer, acrescenta o sentido do ver e perceber o que atrai nas grandes cidades e o que repele, enquanto obra humana, afastando-o do que ele se refere “seu centro” (PAPANEK, 2007, p.117-119). Suas observações se aproximam bastante do que sustenta Wirth (1967), quando este afirma que a humanidade sempre buscou, para suas cidades, um objetivo que atraísse as pessoas que desejassem viver nos centros urbanos. Assim, os anseios sociais básicos do ser humano como: sociabilidade, religiosidade, desenvolvimento artístico e intelectual e política, estavam presentes desde a antiguidade. O método etnográfico permite perceber esses anseios tão humanos e necessários de uma cidade, algo que está na essência das pessoas, algo que ficou no meu esquecimento também.

A memória social, está nas memórias individuais, das lembranças que ficaram no além e que traduzem a cultura do lugar estudado. As memórias do aqui, ainda estão sendo construídas, e sem o registro daquilo que foi vivido, se corre perigo de se perderem “as evidências que alimentarão as memórias e a história da cidade”. No caso da rua General Osório de Hamburgo Velho, os focos essenciais são as pessoas, os laços de parentesco, suas propriedades e investimentos os diferentes usos, as ações ali estabelecidas, os usos dos recursos naturais e as funções de alguns espaços tem importância para o estudo dessa a rua e são traduzidos pela memória social com esquecimentos no sentido ambiental.

Pavimentações recentes do Corredor Cultural transmutado

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação (Lynch, 1969, ed. 2011, p. 4, grifo meu)

Utilizo a definição de imagem ambiental para lembrar os marcos e a legibilidade das cidades, trazendo novamente Lynch (2011) à discussão. Segundo esse autor, uma pessoa, para se orientar na malha urbana, precisa desenvolver um senso de orientação, uma qualidade visual específica que permita a leitura da cidade. Este senso de orientação “é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem” (LYNCH, 2011, p. 3). Para tanto, utilizam-se de indicadores, como sensações visuais, de cor, forma, enfim, dos sentidos, como olfato, visão, dentre outros. Em ambientes edificados

como são as cidades, dificilmente um ser humano se perde completamente, afinal, sua capacidade de se orientar e se comunicar além da presença de sinalização, pode fazer com que seja recomposta a leitura do ambiente urbano. Ainda me apoiando em Lynch (2011, p. 4), que afirma: “se alguém sofrer o contratempo da desorientação, o sentimento de angústia - e mesmo de terror - que o acompanha, mostrará com que intensidade a orientação é importante para nossa sensação de equilíbrio e bem-estar.”

As pessoas, ávidas por encontros presenciais, têm usado a rua também para suas pequenas festas de aniversário, encontros de turma de amigos, encontro de famílias etc. Em novo levantamento realizado, mais no final da pesquisa, constatei quatorze bares e restaurantes que estão alocados em antigas residências; esses locais possuem generosos pátios, em frente ou nos fundos dos lotes, assim, proporcionam espaços ainda mais seguros para esses encontros.

A riqueza dos lugares reside no fato de que se permitem descobertas fora da ordem esperada e quando os novos usos denunciam os novos tempos e interesses. Os novos proprietários também são parte da nova história; pois que esta história ainda está acontecendo! Os pés que antes percorriam a rua estão substituídos pelos pneus dos carros, os mesmos pneus que estacionam os carros e proporcionam o deslocamento e a permanência. De acordo com Santos e Silveira (2001, p. 264), os espaços podem ser opacos ou luminosos, usando o sentido figurado. Esse autor considera espaços luminosos aqueles que “acumulam densidades técnicas e informacionais”; opacos, aqueles que são o oposto disso. No entanto, o autor chama a atenção para um aspecto interessante que, no meu entendimento, parece estar ocorrendo nesta rua, pois que os espaços luminosos obedecem à lógica dos interesses de empresas maiores, o que, transpondo para a realidade do lugar do meu estudo, poderia fazer sentido em escala diferente.

Os empreendedores, mesmo pequenos, já têm um espaço reconhecido e acumulam densidades, portanto, luminosos. Por outro lado, o autor também se refere aos espaços que comandam e aos espaços que obedecem a esse centro, lembrando que, para isso, é necessário “um conjunto adequado de condições”, ou seja, implica apresentar novas lógicas de centralidades (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 264). Preciso observar aqui que as centralidades sobre as quais se referem Santos e Silveira (2001) estão relacionadas às cidades, ou ao território com sentido mais amplo. Porém, nesse contexto entendo o território de Hamburgo Velho com o sentido que Santos e Silveira apresentam (2001, p. 147), ou seja, um espaço geográfico que, sendo matéria, tem interdependência e é inseparável da natureza e do uso que o homem faz desse espaço, ações envolvidas por caráter político e de trabalho.

Considerando a história em processo, considerando o tempo e espaço essa transmutação do Corredor da Cultura na rua General Osório reflete o que Santos (2000, p. 56), propõe quando afirma que entre ações globais e reação local, também se está falando de emoções. Os novos tempos devem estar acompanhados desse sentimento, reforçando o sentido e a apropriação do lugar, de alguma forma reatando os nós, aqueles que, em algum tempo do passado vivido, estiveram tão fortes, quando todos se conheciam!

Voltando à rua com 200 anos de memórias.

Regina Abreu (2016), em *Memória social: itinerários poéticos-conceituais lembra-se de que tudo passa e do que realmente fica*, ao afirmar que “lembramo-nos de aspectos ínfimos do percurso da vida, fixamo-nos em detalhes, em aspectos que nos tocam e nos produzem emoções particulares” (ABREU, 2016, p. 51). Para a autora, essa memória só é possível porque temos relações de afeto com as coisas e com o outro; e segue: “O tema da alteridade emerge como crucial. Só há memória quando existe a relação com o diferente, ou seja, com aquele que faz estranhar, relativizar, tomar distância, ver de outro modo” (ABREU, 2016, p. 42). Mauss (2003), em *O Ensaio sobre a dádiva*, afirma: “é na relação com o outro que o grupo se percebe” (MAUSS, 2003, p. 263), ou seja, as pessoas não podem viver isoladas; os estreitamentos, em grupos sociais ou de trabalho, fazem com que os indivíduos ganhem força. Além do mais, “é preciso manter uma relação de reconhecimento do outro e de entendimento com o outro para que se produza o pensamento, a vida social, e a paz (ou o antagonismo controlado) entre os povos” (ABREU, 2016, p. 43).

Assim, quem usa o lugar e tem ainda presente lembranças dos laços estreitos quer seja social, familiares ou de trabalho, é um sujeito que se sente parte e de fato pertence! Ao pertencer, também há o exercício da diferença, pois o conceito de identidade “pressupõe sempre o olhar sobre o outro, entendendo que só é possível compreendê-lo se nos abrimos para a visão que o outro tem de si mesmo, ou seja, se exercitarmos a atitude de ouvir e perceber os outros modos de existência diferentes dos nossos” (ABREU, 2016, p. 43).

Por isso, ao usar a memória de certos indivíduos, meus colaboradores para esta pesquisa, para entender a rua, percebi o quanto suas lembranças estão conectadas com as memórias dos outros e como estes podem relatar sobre si e sobre os demais que faziam ou fazem parte de sua rede social. E, assim, em rede, fazem completo sentido e se constituem de um recorte suficientemente crível do coletivo, num tempo e lugar.

Quem trabalha, ou percorre a Rua General Osório, percebe os marcos ou os pontos nodais, ao transitar pela via para acessar um determinado ponto ou para apenas se deslocar até algum bairro. Quem mora, ou morou, percebe o vizinho, conversa com alguém aqui ou ali, frequenta determinados lugares referência: padaria, açougue, clube, escola. A rua é esta dinâmica e diversidade, a rua tem esses contatos que o excesso de muros e de carros segrega e afasta, ou seja, não permite a relação com o outro.

Sennett (1988, apud Abreu, p. 52) “aponta para o aspecto perverso do fortalecimento da noção de “vida privada” na exata medida do esvaziamento do “espaço público”. Notadamente, os muros que segregam, apontam para essa discussão, ou seja, o fortalecimento do individualismo, ao qual Sennett se refere, e a questão do carisma¹² (Sennett, 1988, p. 329-357). De acordo com o autor: “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com emoções particulares; esta preocupação tem demonstrado ser mais uma armadilha do

¹² Sennett, nesse capítulo 12, discorre sobre O carisma, explicando como este se torna incivilizado; especificamente amplia o conceito de Carisma e apresenta onde este se coaduna com as questões do público e privado - SENNETT, Richard. *O declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

que uma libertação” (SENNETT, 1988, p. 17). As novas formas de morar, em condomínios e atrás de muros altos, com cercas hostis, produzem ou reforçam ainda mais este egocentrismo e fazem com que a vida coletiva ou os espaços públicos fiquem desvalorizados.

No mês de novembro de 2021, um coletivo de arte, chamado Arte na Mesa, formado por artistas da cidade, apropriou-se de um grande tapume existente na rua e mobilizou 151 produções de artistas; que utilizaram a rua e o tapume mencionado para uma exposição a céu aberto, com colagens de cartazes tipo lambe-lambe (figura 2).

Figura 2- Arte no Muro



Fonte: acervo da autora, nov. /dez, 2021.

Assim, um espaço que andava esquecido ganha destaque e mobiliza muitas pessoas que por ali passam todo o dia, na sua maioria de carro. Ainda, para entender melhor a escolha do lugar, pergunto a artista que lidera o coletivo o quanto considera a rua General Osório como um lugar de cultura e quais os valores culturais ali encontra. A artista me lembra de que morou ali quando criança e que conhece pouco da história dessa rua. Transcrevo sua resposta sobre as questões da cultura:

Não considero uma rua cultural. Considero uma rua de relevância histórica, com importância sócio- econômica e de preservação de patrimônio histórico. Mas creio que todas as atividades que ali acontecem, desde eventos, bares, escola e comércio fazem com que a rua tenha sim uma importância cultural para a cidade. Cria referências e traz um diálogo com a comunidade. Por isso a importância da preservação de prédios e moradias (SB, dez. 2021).

As referências ao pouco uso ou pouca apropriação dos espaços públicos podem ser entendidas, voltando às reflexões anteriores sobre o declínio do homem público: “O público ficou, assim, esvaziado daquelas pessoas que desejavam ser expressivas nele” (SENNETT, 1989, p. 320). Sennet refere-se ao sentido das lideranças políticas, que deixam de assumir um papel, e, ao abandonar os protocolos sociais (ele se refere às máscaras que vestimos no âmbito público), ao se despir dessas convenções, deixam que o espaço público escancare demais as questões privadas. Assim se evita o contato e “o narcisismo

se mobiliza nas relações sociais, e a experiência da abertura de sentimentos uns para com os outros se torna destrutiva” (SENNET, 1988, p. 321).

Não deixa de ser paradoxal: quanto mais o ser humano vive segregado e suas células familiares são menores, os grupos ou laços sociais se tornam menos estreitos. Este novo modo de ser da sociedade agrega a necessidade que se tem de proteger o universo particular, o pequeno mundo. Os muros, os condomínios verticais onde ninguém se conhece, o uso de carro próprio, que favorece o deslocamento rápido e individual... O ser humano das relações estreitas, das quais também fala Bosi (1979), vai dando lugar a outro mais egocêntrico e, na medida em que os seus contatos sociais afrouxam, ele se isola.

Nesse sentido, também aponta Sennet: “Para que o narcisismo seja mobilizado numa sociedade, para que as pessoas se concentrem em tonalidades intangíveis do sentimento e da motivação, é preciso que se coloque em suspenso um certo sentido do **ego grupal** (SENNET, 1988, p. 321, grifo meu). Para haver ego grupal, Sennet enfatiza, faz-se necessário que as pessoas desejem ou necessitem das mesmas coisas, independente de seus sentimentos individuais. Ao se referir ao ego grupal, Sennet (1989) se aproxima da ideia dos laços estreitos de Bosi (1979). Bosi apresenta essas relações sociais no sentido dos esquecimentos ou em relação às memórias individuais, no coletivo! Sennet visualiza-as no sentido das perdas, no sentido de responsabilidade para com as questões do outro, altruisticamente, na condição de públicas! Bosi afirma que:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo [...] Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: "O maior número de nossas lembranças nos vêm quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, nô-las provocam. (BOSI, 1979, p.17).

Dessa forma, Abreu reforça a importância das mudanças e da ativação da memória e o quanto isso é necessário para “interação social e ferramenta para construção de novas relações, novos mundos e novas produções entre sujeitos [...]” e de “uma memória individual” (ABREU, 2016, p. 54). Portanto, o estudo apresenta algumas respostas e permite o entendimento de que seria admissível a transmutação de uma rua que por décadas esteve desmemoriada, com prédios perdendo o valor, como um momento de redenção. Assim, a ação do tempo entre o movimento, a mutação, o reconhecimento e a transmutação permitiram que iniciativas acontecessem. As associações de defesa do Patrimônio, que, em algum momento, restringiram as ações, congelando o lugar, deram espaço para o diálogo e permitiram novas visões e a entrada de pessoas de fora. Os antigos vizinhos que possuíam laços de parentesco e de trabalho deram lugar aos novos vizinhos que, sem possuir qualquer estreitamento de laços, ao buscarem alguns pontos de sutura, retomam o lugar para um recomeço, e/ou auxiliam na mudança.

Lembrando Abreu (2016), que enfatiza a importância da distância, do estranhamento e do olhar do outro para se dar o reconhecimento e fazer aflorar as lembranças. E, não diferente desse autor, Milton Santos (2000) corrobora tal ideia,

quando, ao discutir a globalização¹³ e a busca da identidade, reforça o quanto é necessário conectar as forças do lugar com o aporte nas emoções humanas. Ele afirma que "reencontramos essa emoção na proximidade, na vizinhança, no viver juntos. É também uma forma de descobrirmos a nós próprios, aos outros, o nosso lugar, o mundo." (SANTOS, 2000, p. 56).

Pavimentando uma rua, com auxílio da etnografia, permitiu chegar ao entendimento da essência do lugar, com algumas memórias e outros tantos esquecimentos, num recorte espaço temporal de mais ou menos 100 anos de lembranças.

Referências bibliográficas

ABREU, R. Memória Social: itinerários poéticos-conceituais. Revista Morpheus, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016, p. 41- 66. In: Por que Memória Social? Revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

AMORIM, L. S. O registro de manifestações culturais tradicionais ou uma aventura pelos novos caminhos das políticas públicas brasileiras. Revista Habitus. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 4, n. 1, p.493-512, jan/jun. 2006.

AR. 53 anos. Entrevista n.º 5 - Curador da Fundação Scheffel. Tempo gravação: 52' 48" - arquivo MP3 70.594 KB - transcrição final: 11 páginas.

AWS. 67 anos. Entrevista n.º 6 (em 17/09/2021) - Funcionário público, zootecnista, aposentado. " - Arquivo MP3 com 72,5 MB tempo total de gravação: 52' 48" - transcrição final: 16 páginas.

BEHREND, M. Dois imensos muros de Novo Hamburgo vão se transformar em galeria de arte a céu aberto. Disponível em: <https://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/10602/titulo/dois-imensos-muros-de-novo-hamburgo-va-se-transformar-em-galeria-de-arte-a-ceu-aberto>> Acesso em: Dez.2021

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda Serie Estudos Brasileiros, vol. 1.1979.

BRANDI, C. Teoria da Restauração. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2004. p. 54.

¹³ Por globalização, assumo a visão de Santos (1996; 2000), que apresenta o mundo como um momento histórico e por um conjunto de realidades; sobretudo, pelas possibilidades inerentes a cada época.

- CM. 74 anos. Entrevista n.º 2 - Arte-educadora. - Ex-moradora trecho 1 -data das entrevistas: total arquivos Whatsapp HTML 259 KB e MP3 com 33.727 KB - transcrição final: 15 páginas.
- CONVENÇÃO do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, realizada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, realizada em Paris de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>> Acesso em: abr. 2019.
- CULLEN, G. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70 Ltda: 1971, ed. 2020.
- DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. (org.) Porque Memória Social? Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016a.
- DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. Apresentação. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. p. 11-16. In: ____ Porque Memória Social? Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016b.
- DS. 43 anos. Entrevista n.º 15 (em 23/07/2022) - Administrador de empresas - diretor de turismo de Novo Hamburgo. Arquivo MP3 267.188 KB - tempo de gravação 59' 50 " - transcrição final: 16 páginas.
- DS. 87 anos. Entrevista n.º 3 (em 2/09/2021) - Funcionária pública aposentada. Arquivo MP3 com 20,8 MB - tempo de gravação: 30'10". transcrição final: 9 páginas.
- EAH. 62 anos. Entrevista n.º 4 em 31/08/2021) - Industrial aposentado. Relação trabalho no trecho 2 - arquivo MP3 com 72,7 MB - tempo total de gravação 34' e 16" - transcrição final: 10 páginas.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O tempo e a cidade. Editora da UFRGS, Séries Humanas, coleção Academia 2, vol.1. 2003.
- FONSECA, C. L. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio. Brasília, 2000. p. 83-95. In: In: Registro do Patrimônio Imaterial. Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília:Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed. 2006. 140p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimoniomaterial_1Edicao_m.pdf> Acesso em: Abr. 2019.
- GONÇALVES, J. S. As Transformações do patrimônio da retórica da perda à reconstrução permanente. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 59-73. In: Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetória e conceitos. Izabela Maria Tamasso e Manuel Ferreira Lima Filho (org.) Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

- IA. 64 anos. Entrevista n.º 9 (em 21/10/2021) - Professora aposentada/empresária. Moradora trecho 1 e empresária no mesmo local. Arquivo MP3 com 10.469 KB - Arquivo total da gravação 37'27" - - transcrição final: 15 páginas.
- INTERVENÇÃO “Arte no Muro” começa nesta sexta-feira (19) com reproduções de obras em grandes formatos, em duas ruas da cidade. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2021/11/18/novo-hamburgo-rs-recebe-exposicao-a-ceu-aberto-de-obras-visuais-de-151-autores>> Acesso em: Dez.2021
- JACS. 64 anos. Entrevista n.º 6 (em 17/09/2021) - Professora universitária. - Arquivo com 72,5 MB - tempo total de gravação 52'48" transcrição final: 16 páginas.
- LYNCH, K. A imagem da cidade. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 3.^a (1960) ed. 2011.
- MATTANA, B. IPHAE nega tombar corredor cultural. In: Jornal NH/Comunidade, p. 5. In: Jornal NH, Sábado, 30/03/2019.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314. In: _____ Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEIRA, A. L.G. O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- MEIRA, A. L. G. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção. Tese Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano - PROPUR Porto Alegre, 2008. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14319>> Acesso em: nov.2021.
- NUNES, M. F.; ROCHA, A. L. C. Etnografando narrativas étnicas no espaço da cidade: os negros e as ações afirmativas na sociedade brasileira contemporânea. In: Iluminuras. v.10, n.23, 2009. p.1-28.
- NUNES, M. F.; ROCHA, A. L. C. Etnografias de coloniais: Possibilidades de crítica cultural aos modelos de “desenvolvimento” e à (In) sustentabilidade socioambiental ao sul do Brasil. Cidade 2021, p. 609-638. In: Amazônica: Revista de Antropologia, Cidade, V. 13(2), Ago. 2021.
- PAPANÉK, Victor. Arquitectura e Design. Ecologia e Ética. Lisboa, Edições 70: 2007. ISBN: 978-972-44-1496-6.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. (trad. Sérgio Magalhães Santeiro) Rio de Janeiro: 1967 p. 25-66. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: 1967.
- RUSCHEL, Anna Maria. Corpo-cidade: uma perspectiva de integração entre História e Psicologia. Dissertação (mestrado em História) Centro de Ciências Humanas - Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -Unisinos. 1998.

- SANTOS, M. Globalização e meio Geográfico: do mundo ao lugar. Cascavel: EDUNIOSETE, 2000. p. 51-56. In: SOUZA, .A. J. (org.). Paisagem território região: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOSETE, 2000. 283 p.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil - Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 107-111. In: SAQUET, M. A. Paisagem. Território. Região. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAQUET, M. A. Paisagem. Território. Região. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 103-114.
- SB. Artista plástica e fotografa. em 02 dez. 2021 - resposta textual por Whatsapp.
- SENNETT, R. O declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 447 p.
- SIMMEL, G. A Tragédia da Cultura. São Paulo: Itau Cultural: Iluminuras, 2020, p. 9-41. Disponível em: <https://comissura/itaucultural/docs/a_tragedia_da_cultura_issuu-af_v2> Acesso em nov. 2021.
- TEDESCO, J. C. Conflitos de memória e de identidade no cenário rural: ritualizações e representações de colonos assentados no norte do RS. In. Estudos Históricos. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FGV. Rio de Janeiro, v.22, n. 43, jan-jun. de 2009. p.105-124.
- TRAJANO FILHO, W. Introdução. In: Lugares, pessoas e grupos: as lógicas de perecimento em perspectiva internacional. TRAJANO FILHO, W. (org.). Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010. p.7-24
- WIRTH, Louis. O Urbano como modo de vida. (trad. Marina Corrêa Treuherz) Rio de Janeiro: 1967 p. 89-112. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). O fenômeno urbano. Rio de janeiro: 1967.
- WOORTMANN, E. Identidades e Memória entre Teuto-Brasileiros: Os Dois Lados do Atlântico In: Horizontes Antropológicos, ano 6, nº 14, pp. 205-238, Porto Alegre: UFRGS, 2000.